

Produtos midiáticos, estratégias, recepção. A perspectiva transmetodológica

Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre 1

RESUMO

O artigo aborda a problemática epistemológica em comunicação, formulando uma proposta *transmetodológica* para a pesquisa na área. Os processos comunicacionais são refletidos numa linha que articula *mediatização* e *mediações*, argumentando sobre as estruturas *tecnológicas*, as mudanças culturais, os campos sociais e a hegemonia midiática.

Palavras-chave:

transmetodologia; processos comunicacionais; pesquisa.

O concreto é o concreto por ser a síntese de múltiplas determinações, logo unidade da diversidade. Marx [[Karl Marx, Contribuição para a Crítica da Economia Política, p. 229](#)]

1. O transmetodológico

É interessante comprovar o insuficiente debate e argumentações em torno da problemática metodológica que aborda a questão *trans*.^[1] As ciências sociais construíram no século XX várias tentativas interessantes de projetos transdisciplinares: *Escola de Frankfurt*, *Colégio Invisível*, *Projeto Francês* (*Barthes/Friedmann/Morin*), *Estudos Culturais*, entre outras experiências, procuravam construir teorias que

1 **Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre** é professor/pesquisador do Programa de Doutorado e Mestrado em Ciências da Comunicação da UNISINOS. Coordenador de Relações Exteriores, membro da comissão editorial da revista *Fronteiras-Estudos Midiáticos* e coordenador do núcleo de pesquisa *Processos Comunicacionais: epistemologia/ mediatização-mediações/ recepção* do mesmo programa. alefma@icaro.unisinos.br; telefone: (55-51) 590-8450/ 590-8139/ 590-3333 (r. 1356). alefma@icaro.unisinos.br

integrassem vários ramos do conhecimento, na busca de saberes fortes para as áreas sociais.

Dessas fundamentações ficam, para nós, chaves epistemológicas instigantes: o humano-social exige uma ruptura estratégica central com a lógica axiomática, com a heteronomia a respeito das nomeadas ciências “exatas” e naturais. Os nossos *objetos/problema* têm complexidades que demandam a confluência de várias estruturas teóricas (“*disciplinas*”) para realizar abordagens fortes sobre as problemáticas em estudo; estabeleceram-se nomeações como *ciências da linguagem*, *ciências da comunicação*, *ciências sociais e ciências humanas*, expressando articulações, deslocamentos, conflitos, visualizações e tentativas de estruturação complexas. O percurso pluri e interdisciplinar demonstrou que o diálogo e a colaboração entre várias disciplinas, para abordar problemáticas, não é suficiente; existem problemáticas como a comunicacional que requerem de estruturas que desmontem e reformulem os saberes originais em novas configurações, transformando as redes conceituais e as lógicas de origem. A superposição de saberes sociológicos, lingüísticos, filosóficos, antropológicos, psicológicos, históricos, semióticos, econômicos e políticos não tem conseguido avanços gnosiológicos comunicacionais fortes, que fundamentem substancialmente o nosso campo de conhecimento. Na superação desse estágio de estruturação da área, é importante a competência teórica na disciplina de origem e o deslocamento[2] epistêmico[3] que permita situar-se e configurar-se na comunicação. O nosso campo de pesquisa e estudos tem expressado de maneira singular, como é restritivo e vazio o mero enunciado *transdisciplinar*, quando ele esconde carências teóricas de base e gera procedimentos de investigação sem relevância social, histórica, científica e política. Nesse sentido, é indispensável pensar como, a separação artificial da dimensão metodológica da dimensão teórica, gera descrições, argumentos, explicações, esquematizações e arguições carentes de sustentação epistêmica e abundantes em *superficialismos* retóricos ou empiristas. O desafio metodológico, na maioria dos casos, é ignorado, constata-se a aplicação de fórmulas e modelos sem a necessária desconstrução metódica e a posterior reconstrução exigida pela problemática concreta. A superação dessa situação reclama o desenvolvimento de projetos numa perspectiva *transmetodológica*, definida como um objetivo estratégico, que deve considerar o caráter construtivo processual das

transformações epistêmicas e as experiências dos processos pluri e interdisciplinares que, na estruturação da área, realizaram-se no século passado.

A perspectiva *multimetodológica*^[4] tem sido um referente substancial para a formulação desta proposta; partindo de uma crítica do *totalitarismo metodológico* presente, tanto no *estruturo-funcionalismo* (sociológico), no *semioticismo* (especialmente no pragmatismo), no *informacionismo* (“matemático”, “cibernético”, tecnocrático) quanto no *criticismo* (“apocalíptico”, “autista”, “literário”), temos construído vários projetos de pesquisa que buscam a compreensão, o diálogo, a desconstrução e a posterior reformulação de propostas metodológicas que integrem as construções conceptuais e as estratégias de vários saberes, pertinentes, para as problemáticas de comunicação.

A epistemologia histórica sobre o campo tem-nos permitido visualizar a necessidade de integração/desestruturação periódicas para pensar as problemáticas e definir as estratégias e táticas a implementar. Nesse sentido, um exercício, particularmente produtivo, tem sido a *pesquisa da pesquisa* em comunicação. Estudar nos seus tecidos conceptuais, nos seus modelos metódicos, nas suas operacionalizações técnicas, nas suas práticas e referências as investigações, permite-nos analisar as operações, decisões, opções, modelos e lógicas que os autores e os núcleos desenham no seu fazer de pesquisa. Nosso campo existe nas suas concretizações, elas refletem os níveis de competência teórica e desenvolvimento metodológico alcançados. Esse tipo de investigação não pode seguir um percurso burocrático, classificatório, que pretenda reduzir a problemática teórica a mera adequação de conceitos a interesses pragmáticos de curto prazo. Teoria e método são aspectos indissociáveis de todo *problema/objeto*, sua autonomia relativa não deve levar a disjunções e fragmentações que separem os nexos fundamentais entre eles; não é possível avançar na dimensão teórica sem ter estratégias de pesquisa (incluídas as empíricas), que permitam uma grande concentração de energias na elaboração dos argumentos, hipóteses, fundamentos e configurações. Nesse sentido, é importante considerar que “... *mais de um sistema autoconsistente de hipóteses pode satisfazer um dado conjunto de fatos e, segundo, que qualquer teste de uma teoria refere-se <<a uma rede completa de conceitos e não a conceitos que possam ser isolados>>*”.^[5] Os percursos, as perspectivas, as estruturações são plurais e expressam uma relação com as múltiplas determinações e facetas dos objetos do

conhecimento. As problemáticas comunicacionais são singularmente demonstrativas dessa característica, tanto a exigência de trabalho com *lógicas heterodoxas*[6] quanto a demanda por construir *redes conceituais*, que expressem aproximações interessantes à complexidade do objeto, são características da pesquisa séria na área.

O Método constrói caminhos, definindo planos, sistematizações, operacionalizações, testes, explorações, observações, experimentações, estratégias e táticas que, no caso da ciência, tem por objetivo produzir conhecimento sobre fenômenos e processos do cosmos.[7] Nós, situados no campo das ciências da comunicação, procuramos sistematizar conhecimentos pertinentes à nossa área –a pesar da existência simultânea de pretensões totalitárias e redutoras–, considerando a diversidade e complexidade de dimensões, a abundância de contextos e a multiplicidade de aspectos que os processos e fenômenos comunicacionais têm. Os procedimentos de focalização e delimitação (dialéticos/ flexíveis/ abrangentes/ heurísticos/heterodoxos/ analíticos e hermenêuticos) demandam uma definição *transmetodológica* que se relacione com a dimensão *transteórica* de forma aprofundada, audaciosa, inventiva, rigorosa e humilde. A passagem do *transdisciplinar* como enunciado formal ou retórico para uma concepção de pesquisa crítica transformadora cobra um esforço singular de fundamentação teórica e experimentação metodológica, buscando potencializar a construção de pensamentos e estratégias além do disciplinar (*trans*), juntando lógicas e redes conceituais em arranjos formuladores de orientações suscitadoras para a *práxis* de pesquisa em comunicação.

Cada problemática obriga-nos a sistematizar as percepções e vivências; ao mesmo tempo, não podemos deixar de fruir os processos[8] para edificar concepções dotadas de fortaleza histórica e transcendência social.

A dimensão sensitiva e emotiva de nossos afazeres de pesquisa tem um papel crucial na construção dos objetos de conhecimento, sem paixão o pouco que aflora resulta enfadonho e repetitivo. Pensar frutífera e sistematicamente leva a significativos investimentos de caráter espiritual, eles provocam agudos processos eletroquímicos que podem levar a situações entrópicas: estresse, depressão, euforia, obsessões, fobias, etc. manifestando a intensidade dos choques psíquicos nas experiências de busca e construção de saberes. O sensitivo/emotivo não pode ser ignorado na prática da pesquisa; trabalhado inteligentemente, e com carinho, gera energias importantes para a

produção de pensamentos; ignorado ou subestimado provoca danos expressivos ao trabalho de investigação.

Uma questão importante, nessa perspectiva, é considerar que o sujeito que exerce uma *práxis* teórico metodológica define-se e caracteriza-se como um *pesquisador*; ao incorporar esse ofício, racional e sensitivamente, configura-se como um produtor social que deve dar conta de procedimentos e reflexões delimitados pelo fazer científico. O sentir, o observar, o experimentar e o pensar dessa pessoa estão atravessados por uma prática profissional que faz dela uma mistura de aventura, poesia e informática. Cabe para uma ação produtiva nesse contexto, organizar condições favoráveis ao aparecimento de *insights*, inovações, pensamentos suscitadores e descobertas; implica, também, a realização de esforços para constituir *ambientes* de trabalho favoráveis a esses objetivos. Estamos falando da construção de *Ethos*[9] que desenvolvam culturas de ciência diferenciadas dos modelos *think tanks* –fortaleças de conhecimento– fortemente marcados pelo militarismo estadunidense e a lógica de mercado do *capital* hegemônico global.[10] A construção de *bioesferas* destinadas à produção de conhecimentos, supõe uma reflexão político-científica orientada à formulação de estratégias e seqüências de ações que influam significativamente na reestruturação das instituições de produção e fomento à *práxis* científica. É fundamental continuar trabalhando contra o *logocentrismo* dos funcionários e administradores que situam as nomeadas áreas de "ciências naturais" e "ciências exatas" como matriz central e absoluta do fazer em ciência.

Na construção do campo das ciências da comunicação a configuração de nexos teóricos/ estratégicos é uma necessidade vital, na perspectiva de fundamentações fortes no conjunto das ciências. Nos primórdios desta atividade, apresentam-se os projetos integrados *transmetodológicos* como uma condição necessária (*não suficiente*) para continuar construindo bases teórico-metodológicas de sustentação e estruturação do campo.

2. Articular os processos: mediações/ mediações:

As necessidades de expansão histórica do *capital*, já nos séculos XV e XVI, vão estabelecer um ambiente favorável ao aparecimento de práticas científicas nos meios intelectuais do *Renascimento*; mas, vai ser só em finais do século XVIII que a

acumulação de conhecimentos tecnológicos, produto da pesquisa empírica orientada a inventar dispositivos de interconexão social, alcançou configurações de abrangência social considerável.[11] As redes de caminhos, de telégrafos, de cabos submarinos, de circulação de jornais e impressos constituíram-se nos primeiros sistemas de base da informação durante o século XIX. É curioso constatar como, no último quarto desse século, as invenções tecnológicas floresceram na linha comunicacional: rádio, cinema, telefone vão ser tecnologias de base para a futura constituição midiática das redes audiovisuais, dos sistemas de telecomunicações e das indústrias cinematográficas e do disco.

O fato é que, durante um pouco mais de duzentos anos, construiu-se um complexo de sistemas, redes, ambientes e cenários destinados ao transporte de informação e à dinamização de processos comunicacionais atravessados de auxiliares eletroeletrônicos.[12] As concepções milenares sobre a comunicação, definida como "*tornar comum; communis; comunhão*" perdem força e dão passo a compreensões transmissionais, nas quais o fundamental é a circulação de sinais, primeiro físicas e logo digitais, de forma eficiente.

A *mediatização* é um processo histórico singular que aconteceu de forma expansiva e intensa no século XX, como necessidade sistêmica das formações sociais capitalistas hegemônicas, as quais estruturaram por meio da informatização seus modelos financeiros, industriais e comerciais e suas novas reconfigurações. Essas mudanças precisaram, simultaneamente, da construção de campos sociais e formas de vida simbólica que sejam coerentes com as lógicas produtivas do *capital-informatizado*. Os *meios de comunicação de massa*, pouco a pouco, foram transformando-se em megasistemas transnacionais de multimídia, tipo *AOL-TIME-WARNER-CNN* que respondem à lógica oligopólica do capital hegemônico.

Por outro lado, os mesmos avanços tecnológicos possibilitaram a configuração de redes alternativas de informação, comunicação e produção cultural. Pensemos, por exemplo, sobre como a invenção do videotape revolucionou a televisão e logo permitiu o acesso de produtores independentes ou alternativos à *práxis* cinematográfica e de televisão. A massificação do consumo de bens eletroeletrônicos, orientada pela imprescindível necessidade de expansão do *capital*; gerou, simultânea e paradoxalmente, uma tendência de queda nos custos e nos preços dos produtos de

recepção e produção de comunicação e informação. Popularizou-se o rádio, a TV, o vídeo, os aparelhos de som e iniciou-se –na América Latina– a popularização do microcomputador e da Internet.[\[13\]](#)

A *midiatização*[\[14\]](#) estruturada pelos processos histórico/econômicos/políticos geram formas de vida social e culturas específicas que constroem modelos, nos quais o campo midiático tem um lugar estratégico na configuração das sociedades contemporâneas. Ele possui a característica de atravessar todos os outros campos, condicioná-los e adequá-los as formas expressivas e representativas da mídia. São demonstrativos dos processos de *midiatização* os campos político, econômico, religioso, cultural e social. Como pensar a contemporaneidade política? Sem estratégias orientadas por critérios de marketing publicitário. Não é possível raciocinar sobre o funcionamento das bolsas, dos mercados, das finanças, do comércio, sem sistemas de informação e comunicação estreitamente vinculados e misturados com os seus afazeres. A cultura do entretenimento massificado tem desde a estruturação das indústrias do rádio e do cinema aproximadamente um século de história, boa parte da dimensão lúdica, fantástica, poética, utópica e do lazer dos grupos humanos contemporâneos está atravessada pelo midiático televisivo, musical, cinematográfico. O cotidiano está significativamente agendado pela programação midiática: rádio, TV, Internet, jornais, impressos e sons industriais povoam o nosso dia-a-dia. Esses ambientes, abundantemente constituídos por sistemas de objetos técnicos, estabelecem um *biosmidiático* que performa elementos perceptivos, sensitivos, cognitivos e emotivos com a marca das *matrizes técnicas, culturais e estruturais* das mídias. Elas geram um campo de efeitos simbólicos que têm a ver com as lógicas da serialidade, penetrabilidade, linearidade, sequencialidade, persuasividade, matrizidade, ludicidade, instantaneidade, entretenimento e redundância.

Os *formatos midiáticos* misturam modelos programáticos que incluem na sua construção elementos críticos, estéticos, éticos e técnicos que contribuem para uma produção cultural inovadora, solidária, educativa e artística. E, na maior parte dos casos, os *formatos midiáticos* permitem a estruturação de montagens vulgarizadoras das culturas locais, populares, étnicas, regionais e eruditas; observa-se desvios de sentido redutores das problemáticas sociais; constata-se a configuração de modelos simbólicos *etnocêntricos* ocidentalizados; verifica-se a miscigenação de gêneros –estratégias

comunicacionais–, às vezes irresponsável, que inúmeras ocasiões fabrica produtos sem qualidade técnica, estética, discursiva, informativa ou comunicacional. Desse modo os *formatos midiáticos* acolhem possibilidades de construção extremadamente diferenciadas. Não é pertinente numa perspectiva científica, neste momento de desenvolvimento da pesquisa em comunicação, formular caracterizações *moralistas, maniqueístas, funcionalistas, denunciastas, apologéticas ou tecnicistas* dos sistemas, das estruturas, dos formatos, das matrizes, das estratégias e das configurações concretas das mídias.

As mídias nos inícios do século XXI apresentam, de acordo com uma característica histórica relevante desde o século XX (rádio/TV; fotografia/cinema), uma interconexão cada vez mais intensa entre elas, gerando bioesferas informacionais e comunicacionais de amplas possibilidades paradoxais (redes alternativas, oligopólios, mídias comunitárias, megaindústrias, produtoras independentes, etc.).

A *mediatização* surge, assim, das necessidades intrínsecas ao sistema capitalista contemporâneo, mas na sua configuração própria, especializada como campo social, adquire aspectos singulares, que não podem ser restritos às lógicas econômicas. Apesar do modelo estadunidense de mídias comerciais, ser atualmente o hegemônico no mundo; não é adequado definir a problemática midiática só por meio dessas estruturas. Seria aceitar elas como a única opção na definição dos sistemas midiáticos.

Na perspectiva sociológica, as mídias configuraram um *campo social*^[15] central nas formações sociais modernas. São um *lugar* obrigado de passagem, definições e publicização dos outros campos, uns com maior dependência que outros, mas todos atravessados pelos fatores midiáticos. A política, a produção simbólica, a religião, a cultura, a guerra, a economia, a educação, os movimentos sociais o mundo do trabalho e das vivências cotidianas são exemplos paradigmáticos disso.

O mundo na última década (1992-2002) viu a intensificação de uma nova forma de exclusão social graças ao aceleradíssimo processo de mediatização, os *inforicos* e os *infopobres* são uma realidade escandalosa,^[16] que comprova, uma vez mais, como as estratégias tecnicistas não dão solução aos agudos problemas socioeconômicos e culturais.^[17] Lamentavelmente, a *cultura da violência* tem encontrado, nas condições de *mediatização* atual, espaços de realização que vão dos videogame aos experimentos

de guerra no Irak, na Bósnia, na Croácia, na Sérvia, na Colômbia, na Palestina e no Afeganistão. Essas ações concretas de destruição têm uma realização, em níveis de catarse, nas produções cinematográficas e na programação televisiva das redes mundiais sob o modelo estadunidense. A violência simbólica está profundamente relacionada com a violência social, política e econômica da conjuntura atual. A *mediatização*, desse modo, apresenta similaridades cruciais com as outras realidades históricas; ela participa, de forma estratégica na estruturação das dimensões semiótico/ideológicas que dão sentidos à *barbárie hipermoderna*. [18]

A *mediatização televisiva*, que é um dos focos centrais de nossas pesquisas, expressa de forma paradigmática o como as estruturações das indústrias midiáticas contemporâneas respondem à lógica hemônica do *capital*; oligopólios e informatização são aspectos-chave dessas construções. Paralelamente, esses mesmos complexos empresariais mostram a sua constituição como *campos* de conflito, arte e crítica. A complexidade produtiva desses conglomerados exige a participação de especialistas em vários saberes midiáticos: teledramaturgos; escritores; jornalistas; arquitetos; engenheiros: eletrônicos, civis, elétricos; atores e atrizes; gestores estratégicos; técnicos: iluminação, som, costura, cenários, câmeras, produtores culturais e técnicos em mídias digitais; o que possibilita o fluxo de idéias diversas e paradoxais, que são coerentes com as exigências de renovação dinâmica que as formas midiáticas e as lógicas do *capital* configuram. O caráter contraditório (conservador e transformador) desses processos e os fluxos de outras lógicas, não-hegemônicas, organizam uma realidade midiática caracterizada por hegemonização, diversidade cultural, manifestações de desestruturação ou crítica, conflito e sistemática montagem de desvio de sentidos a respeito dos problemas humanos fundamentais da contemporaneidade: sistema transnacional mundial hegemônico que produz concentração de riqueza; pobreza, fome, doenças; cultura da violência em níveis globais: complexo militar-industrial estadunidense/ corrupção/ máfia/ narcotráfico/ guerras/ estados autoritários/ democracias restritas/ estratégias de destruição do meio ambiente/ racismo/ segregação/ xenofobia. A mídia transnacional está obrigada pelos processos e fatos históricos a noticiar sobre esses referentes, ao mesmo tempo, os interesses estratégicos de sua lógica oligopólica não permitem um tratamento, uma apropriação, um desenvolvimento expressivo que trabalhe a essência das problemáticas. É demonstrativa, nesse sentido, a estratégia midiática militarista a partir do 11 de setembro de 2001, o *slogan*: “*Guerra contra o terrorismo*”

adotado pelas mídias no mundo, demonstra uma correspondência profunda entre os interesses político hegemônicos dos grupos estadunidenses a favor da Guerra e o agendamento e montagem midiáticas.

A grave problemática do terrorismo, lamentavelmente, não é tratada nos seus significados históricos, sociais, políticos, econômicos, religiosos e culturais. O terrorismo de Estado praticado por regimes de várias correntes ideológicas durante a história busca ser diminuído e outorgado só aos outros. Na América Latina isso é difícil de ocultar, décadas de ditaduras auspiciadas por EUA, milhões de mortos, feridos, famintos e desaparecidos são uma realidade marcante para que o jogo retórico das transnacionais resolva. O fenômeno do narcotráfico, apesar de todos os investimentos policiais/militares repressivos cresce e se expande. A delinquência comum, não obstante os fortíssimos gastos em segurança, informatização e inteligência, aumenta a ritmos assustadores. A violência familiar, cotidiana, microsocial são preocupantes. Os índices apresentam tendências de crescimento significativos de todos os tipos de violência. A mídia televisiva seguindo uma lógica que faz experimentar intensamente a cultura da violência sistêmica, fabrica filmes, programas de auditório, telejornais, *talk shows*, coberturas ao vivo nos quais o apelo violento é constante.

A tentativa de construir simbolicamente a violência contemporânea sob uma matriz maniqueísta, não obstante sua força histórica nas produções midiáticas, apresenta problemas cada vez mais agudos. Isto tem relação com a ampliação do acesso dos telespectadores a um maior número de fontes de informação e processos de comunicação; nessa perspectiva, é significativa a ação de escolas, universidades, movimentos sociais, ONGs, mídias alternativas e Internet na configuração de cenários e ambientes comunicacionais fora da lógica do *capital*. Por outro lado, as profundas crises estruturais geradas pelo modelo econômico neoliberal, questionam profundamente até os comportamentos dos jornalistas e das equipes das redes transnacionais.^[19] Percebemos que os contextos políticos, econômicos, socioculturais e históricos mediam e marcam os processos de produção de sentido até nas grandes mídias globais. Uma vez mais as concepções sistêmico-estruturais comprovam suas limitações; as grandes mídias apresentam no seu interior *fluxos* e *fixos* com potencialidade crítica. É suscitador, nesse sentido, lembrar da ação da ficção brasileira,

entre outras das estratégias cruciais, que contribuiu para a desestruturação do modelo ditatorial militar entre 1964 e 1989.

A midiática televisiva na América Latina a partir dos anos 1960 -nos anos cinquenta ainda o rádio era a mídia hegemônica- atravessa o conjunto das classes sociais, das regiões, dos países e estrutura um *campo audiovisual* de abrangência internacional. Nesse processo, situou-se a TV como um subcampo midiático articulador de importantes processos de mudança sociocultural (do rural para o urbano, do presencial para o midiático, do local para o nacional e do nacional para o mundial) que caracterizaram o processo de constituição das sociedades midiáticas de hoje.

Os jogos de poder político contemporâneos foram construindo, a partir desses anos, um dos seus componentes estratégicos cruciais: os *jogos de hegemonia televisivos*, sem eles não se poderia desenvolver estratégias fortes de articulação e poder. O lazer, o entretenimento, o lúdico, o consumo de bens simbólicos e de bens materiais foram atravessados de forma avassaladora pela ação televisiva. Esta mídia concentra os fluxos financeiros na área, obtendo os maiores investimentos publicitários e estruturando as maiores redes midiáticas que têm como eixo de construção a TV (exemplo *Organizações Globo* no Brasil:[\[20\]](#) jornais, revistas, editoras, indústria discográfica, núcleos de produção audiovisual, empresas de TV por assinatura, escolas de formação de profissionais, empresas de Internet). Os grandes conglomerados televisivos como *Televisa* (México), *Venevisión* (Venezuela) e *Globo* (Brasil) são parte central de suas redes midiáticas. Os mercados latino-americanos de produtos midiáticos não teriam sido possíveis sem sua configuração a partir do eixo TV. Música, *mídiadramas*, notícias, programas infantis, humor, filmes, programas de entrevista, etc. encontraram no espaço televisivo a possibilidade de continuidade e mudança.

A *tecnoesfera* televisiva tornou possível que gêneros milenares, estratégias radiofônicas e do cinema, manifestações das culturas populares, expressões musicais locais, correntes simbólicas das periferias, das minorias, de gênero, de raça e das regiões encontrem um *lugar* de representação massivo. Temos assim, uma *multiculturalidade* apropriada por sistemas industriais de produção simbólica; na maioria dos casos, essas apropriações realizam desvios de sentido e reformulações de modelos que enfraquecem em extremo a riqueza dos modelos e produtos culturais de origem. O humor televisivo conservador é demonstrativo disso no caso do Brasil: *Zorra total*; *A praça é nossa*;

Escolinha do professor Raimundo; Os trapalhões; Câmera escondida; Sai de baixo são exemplos modelares de como uma riquíssima cultura humorística de origem africana, judia, árabe, portuguesa, italiana e espanhola pode ser enfraquecida narrativamente, pasteurizada nas suas miscigenações, invertida de sentido (crítico/ transformador), empobrecida esteticamente e transformada em trivialidade cultural.[\[21\]](#)

Cabe lembrar que na América Latina a expansão midiática televisiva, o alta exposição das pessoas à programação foi possível, também, se consideramos as competências culturais, pela tradição oral, plástica e visual das culturas autóctones e locais. A cultura letrada e erudita no subcontinente tem sido parte das elites ilustradas. O índio, o negro, o migrante europeu (na maior parte originário dos setores pobres da população nos seus países de nascença) e a grande maioria de pessoas que constituem as sociedades latino-americanas têm uma forte estruturação da cultural oral, dos sons, da plástica e das imagens. Esses elementos configuradores da realidade midiática servem para situarmos na outra dimensão fundamental dos processos de comunicação social: *as mediações*.

Mediações

Os contextos socioculturais contemporâneos, impregnados de diversidade cultural em miscigenação e contradições contínuas apresentam, também, um fluxo dinâmico orientado para as mídias e recebido das mídias. A produção de sentido, os pactos de significação, as interações preferidas no dia-a-dia, os encontros, as conversas, as *navegações*, as assistências, as escutas e as leituras são atravessadas por diversas *mediações* socioculturais que vão desde os costumes mais simples, as cosmovisões milenares e os sentidos gregários até os sistemas simbólicos complexos (linguagens). Os processos de comunicação estão atravessados, também, por *mediações* conjunturais, circunstanciais, situacionais, interacionais, temporais, (tecno) estratégicas, sociais (macro: estrutura de classes/ micro: grupos de pertença), políticas (poderes, campos de força), institucionais, religiosas, sexuais e econômicas (consumo/produção/trabalho; propriedade/posseão/desposuir). Elas confluem no *cotidiano* como *tempo/espaco* estratégico de realização midiática.

A compreensão dos processos comunicacionais contemporâneos supõe, portanto, uma articulação de fundo entre *processos de midiatização* -como constructos, campo e

materializações técnicas- e *processos de mediação* -como elementos histórico, sociais, políticos e culturais de base; matrizadores dos jogos, pactos, configurações e produções de sentido-. Nem o *mídiacentrismo* tecnológico, burocrático ou funcional/pragmático; nem o *sociocentrismo* ambíguo, generalista, eclético e totalizador produzem condições adequadas para trajetórias transdisciplinares. Com efeito, constata-se a pretensão sub-reptícia ou explícita de logocentrismo disciplinar; nas ciências da comunicação são ilustrativos os casos do *comunicacionismo* (tudo é comunicação), do *semioticismo* (tudo é *semiose*), do *denuncismo* (tudo é política), do *tecnicismo* (tudo é sistema operativo) e do *psicologismo* (tudo é imagem acústica ou efeito de comportamento). Essas posturas, auto-situadas como fundamentais por cada um dos *logos* respectivos contribuem pouco à construção do nosso campo de conhecimentos e geram culturas de poder intelectual obstrucionistas da liberdade científica e artística.

Na pesquisa televisiva e audiovisual tem-se revelado frutífero considerar o conjunto de *mediações* que participam da estruturação de *ambientes*, *processos* e *interações* comunicacionais, articulando-as na especificidade das problemáticas investigadas. Nesse sentido, é instigante trabalhar os *palimpsestos midiáticos* (narrativas, *sensorium*, formatos, estratégias, práticas, técnicas, especializações, matrizes) como um conjunto de *mediações* cruciais em nossas pesquisas. As *formações sociais*, a *história*, a *cultura* e a *política*. Os velhos problemas de segregação, da exclusão; da exploração; da injustiça e falta de liberdade estão presentes nas problemáticas comunicacionais, mas têm um aprofundamento estruturado a partir das perspectivas e dos procedimentos metodológicos estruturados na área. É fundamental, nessa linha de pensamento, desenvolver um processo de distanciamento, descentramento e deslocamento das problemáticas *strictu sensu* de origem e situar-se na comunicação assumindo a mudança, o estranhamento, a reformulação integral e o desafio da construção de um novo campo de conhecimento humano.

Pesquisa em comunicação

Uma questão basilar na reflexão epistêmica que propomos é a vinculação imprescindível entre as dimensões teórica e empírica. Pensamento e experiência gerando uma *práxis* que suscite e organize argumentos e modelos de investigação e análise, pertinentes, flexíveis e aprofundados.

O *epistemológico vital* só é possível desenvolver mediante vivenciamentos, experimentação, observação, sistematização, reflexão e interpretação concretos. A avaliação e reformulação crítica dos fundamentos, das premissas, das lógicas, dos procedimentos de pesquisa, dos arranjos na construção dos dados e na geração de redes de conceitos, conduzem para uma definição como pesquisadores profundamente comprometidos com as experiências históricas da comunicação, com as teorias que têm trabalhado as problemáticas comunicacionais, com a busca de estratégias críticas de resolução dos problemas abordados, evitando tanto o *tautismo* empirista (descritivo/superficial) quanto o *tautismo* teorista (abstrato/ auto-suficiente/intranscendente).

Postulamos que a construção do campo de conhecimentos em comunicação não pode ser o resultado de um texto (ou conjunto de textos) de um autor iluminado, enciclopédico e erudito, de um "sábio" da nossa época. As fundações totalizantes tornam-se vácuas nos níveis epistemológicos atuais, os saberes não nos permitem vaidades absolutistas numa *práxis* intelectual séria; só os fátuos, ignorantes ou *tautistas* continuam enciclopédicos nos nossos dias. Construir teoria e metodologia em comunicação, hoje, implica a realização de intensos investimentos de caráter cognitivo, lógico, vivencial, histórico e político.

Estruturação de um método mestiço

Nossos confrontos cotidianos com os problemas/objeto de pesquisa convencem-nos, cada vez mais, da importância da mestiçagem,[\[22\]](#) também, na dimensão metódica. Isto, não como um enunciado populista, mas como uma necessidade de nutrir-se da história e a filosofia da ciência na práticas de pesquisa concretas. Se estamos investigando uma trama que contempla as *transnacionais da televisão* na América Latina, por exemplo, nossas indagações e formulações sobre ela não podem avançar, se ficamos só nos detalhes específicos dessa problemática. A pesquisa, as observações empíricas, as reflexões levam-nos a pensar que nessa trama estruturam-se *múltiplas determinações*; que ela, como um processo midiático, é uma síntese de aspectos que recolhe nexos, vínculos, relações importantes para compreender os processos de estruturação comunicacional, social e histórica. A estruturação de dicotomias, por conseguinte, não é um caminho promissor; ela reduz as possibilidades dialéticas e realiza classificações forçadas do real. A opção por uma metodologia

excludente, por mais atrativa e eficiente que ela se apresente (Peirce, Austin, Greimas, Shannon, Lasswell, Hovland, Rogers, Schramm, Etzel de Sola Pool, por exemplo), impossibilita observações, experimentações, descrições, formulações, interpretações e inovações articuladoras dos fenômenos e processos comunicacionais.

Sempre é possível acomodar uma realidade aos nossos esquemas, em ciência não é nada construtivo realizar esse tipo de exercício, ao máximo demonstrará nosso domínio operacional da fórmula; nunca uma riqueza de pensamento, que expresse em termos conceptuais os elementos essenciais do mundo empírico e as possibilidades de inovar conteúdos e lógicas que contribuam para o avanço dos saberes.

Temos como desafio, também, a desmontagem do *logocentrismo* nas suas diversas expressões; no campo da comunicação, são singularmente expressivos o *pragmatismo funcionalista* e a *teorética especulativa* em diferentes versões. Nessa realidade, a heteronomia a respeito de modelos estadunidenses e europeus ainda condiciona amplos setores de pensadores no campo. Para mudar esta situação precisamos incorporar a pluralidade dos saberes metódicos às nossas formulações; retomar as lógicas e os procedimentos ancestrais, axiomáticos, heterodoxos, racionais, espirituais, dialéticos, dedutivos, indutivos, analíticos, hermenêuticos e heurísticos, tendo uma postura crítica flexível que torne possível arranjos de coerência e inovação interessantes.

Condição *sine qua non* para dinamizar e transformar a pesquisa em comunicação, é centrar os esforços na formulação de problemáticas que sejam o fruto do trabalho estruturado por projetos integrados de investigação e gerem novos projetos com preocupações teórico-metodológicas (epistêmicas) de relevância social e pertinência de conhecimento. Formular a partir dos processos históricos, das necessidades sociais de transformação e dos avanços do conhecimento e pesquisa já alcançados. Necessitamos de abordagens que pensem os conjuntos de problemas de forma inter-relacionada, desenhando estratégias de médio e longo alcance para executar políticas científicas anti-hegemônicas fortes.

Os processos de formulação de problemáticas requerem de um período considerável de amadurecimento; equipes, grupos e núcleos pensando sobre uma área de preocupações, estruturando uma linha de pesquisa. O conhecimento produzido pela

humanidade nos últimos milênios e séculos apresenta um caudal imenso de redes conceituais, categorias, argumentos, hipóteses, noções, juízos e problemas, que nos obriga a uma labor extremamente qualitativa no plano epistêmico para definir fluxos e apropriações de fundamentos que sejam substanciais para nosso campo e para América Latina.

Nessas perspectivas, é necessário estruturar *métodos* constituídos por uma confluência de lógicas, estratégias, argumentos, operações e planos de relevância transformacional. A necessidade *transmetodológica* nos leva para um *método mestiço* num sentido amplo que mistura cosmovisões, sistemas, modelos, procedimentos, lógicas, operacionalizações, tecnologias, explorações, vivências, experiências e processos de construção de conhecimento concretos.

Reformulações metodológicas sistemáticas, que se sustentem num saber epistêmico herdeiro das principais tradições gnosiológicas e na prática da *pesquisa da pesquisa* em comunicação. Cada problemática exige arranjos metódicos adequados a sua lógica interna e a sua realidade empírica; o *transmetodológico* solicita construções *heterodoxas (duras)* que desdobrem, por exemplo, o *comunicacional* no *midiático* e nas *mediações* como eixos lógicos reformuladores do comunicacional.

Confrontos com o campo

Nossa pesquisa *Transnacionais da televisão latino-americanas: as inter-relações Brasil-América Latina apresentadas pela grande mídia televisiva (Cnn, Globo, Eco)* tem suscitado, no plano epistêmico, atualizações de pensamento como as enunciadas neste texto. Pensamos que todo *problema/objeto* particular, adequadamente formulado, sintetiza um conjunto de estratégias que contemplam no seu fazer a dimensão crítico/criativa epistemológica. Inevitavelmente os pesquisadores necessitamos aproximarmos do fundamental, do substancial, do vivencial, do exploratório, do histórico e do transformacional. Isso não pode ser atribuído só a um grupo de elite na pesquisa em comunicação (ele configura-se necessariamente pelas qualificações acadêmico científicas) apresenta-se como necessário para o conjunto; o que é imprescindível é gerar uma *cultura epistemológica: inventiva/crítica/suscitadora* que permita estabelecer condições adequadas para que os potenciais pesquisadores desenvolvam suas inteligências, conhecimentos e vivências.

Nossa proposta sobre a linha *comunicação/midiatizações/mediações* parte da constatação de que nossas sociedades estão organizadas em configurações que incluem os sistemas midiáticos no *coração/cérebro* de suas estruturas; seus produtos (*discursos, mensagens, textos*) atravessam diversas formas de vida contemporâneas: *a midiatização e um processo crucial* das estruturações socioculturais atuais; ela responde nas suas linhas estratégicas centrais à lógica hegemônica do *capital*, ao mesmo tempo, como temos discutido neste texto, ela é um processo de conflitos e concretiza uma necessidade tecnológica, econômica, política, comunicacional e informativa do sistema hegemônico, simultaneamente gera estratégias contrapostas e convive com formas de vida distintas. Pensar os processos midiáticos televisivos, no caso desta pesquisa, levou-nos novamente a indagar e testar sobre as distintas *mediações*, temporalidades e ambientes comunicacionais que constroem os sujeitos que participam como telespectadores. Tempos e espaços misturados de palimpsestos tecnológicos e milenares, carregados de inovações técnicas e de reformulações estratégicas de *marketing* que tentam inserir novos fluxos (TV por assinatura) culturais televisivos. Os atores dos processos midiáticos participam da configuração de um *novo sensorium* –o *novo* apresenta-se de forma acelerada e intensa na modernidade, por isso a marca nos meios de comunicação: *notícia* ® *informação* ® *novidade*–. O desejo de estar informados é uma constante nos usuários dos meios, tão forte como a necessidade de entretenimento, drama ou humor. Todos eles inter-relacionados numa teia de *conflitos*, dado que sem forças em pugna não temos movimento os nexos entre esses aspectos das construções midiáticas apresentam-se contraditórios. É olhar, por exemplo, a interdependência entre *informação, velocidade e redundância*; as emissoras com maior especialização em informação (tipo Cnn, Globonews, Bandnews) são extremadamente redundantes para um observador que acompanhe sua programação durante 24 horas. São interessantemente práticas para quem liga num momento e precisa de várias mensagens (curtas, sintéticas, telegráficas) num lapso breve. São exacerbantes para quem esteja fazendo uma pesquisa histórica e precisa de novos dados para complementar suas hipóteses. São instigantes para um pesquisador da comunicação que esteja analisando as lógicas midiáticas. Apresentam pistas prometedoras para quem investiga a geopolítica mundial. Em suma elas estão em sintonia com o real, mas é um real construído de um modo determinado e portanto atravessado por perspectivas, gostos, valores, estilos e definições concretas.

Essa característica faz que o *real midiático*, a mais de representar aspectos próprios da riqueza processual do mundo empírico, não inclua nas suas configurações críticas aprofundadas e abrangentes sobre importantíssimos aspectos do mundo sociocultural e histórico contemporâneo. A *ignorância* que isto gera nos telespectadores é significativa, por uma parte eles pensam estar informados sobre um *real/real* e por outro constroem opiniões e valores com base nesse *realimaginado*; o problema é que, freqüentemente, esse real simbólico produz desvios de sentido consideráveis.

O preconceito, a superficialidade, a fragmentação, as explicações simples, a reprodução dessa lógica midiática são rotineiros na vida cotidiana dos telespectadores . Por outro lado, a oferta dos meios oferece indícios interessantes sobre o que sucede no mundo empírico, as possibilidades de conhecimento a partir dessas mensagens são amplas. O real histórico é muito forte para que o pensamento hegemônico consiga um controle rígido da produção de significações pelos públicos; os leitores, telespectadores, ouvintes e *internautas* têm uma diversidade de opções, de fontes alternativas e de *mediações vitais* que a construção de suas significações não segue uma linha determinada e as possibilidades de criação são concretas.

O *método* portanto, como conjunto de estratégias e procedimentos para a resolução de problemas, adquire um caráter mestiço, configura-se num cenário e numa estruturação (*dimensão/campo/nível*), na qual confluem processos sociohistóricos e culturais que valorizam a sua produção de sentido (pluralidade de contextos) e, por outro lado, incorpora e apropria-se de lógicas e modelos teóricos, em confluência e desconstrução, que configuram um real *transmetodológico comunicacional*.

NOTAS

[1] O termo latino *trans* o usamos nas suas distintas acepções. Pensamos que é um *movimento além* das disciplinas e as formalizações tradicionais; é, também, uma *dinâmica (fluxo)* que *atravessa* os distintos campos do saber. Por outro lado, define uma *posição deslocada* a respeito das anteriores: supõe uma *reconfiguração* e *reformulação*. Por conseguinte, constitui-se numa *posição e um movimento, ao mesmo tempo*, que tem a propriedade de fluir e atravessar vários campos. Denota, simultaneamente, *intensidade* porque realizar transpassa e transborda os limites estabelecidos e as estruturas tradicionais do conhecimento.

[2] É instigante no a proposta sobre distanciamento metodológico formulada por Carlo Ginzburg, ele trata sobre os procedimentos metódicos de *estranhamento* a partir da pré-história dos procedimentos literários. Retoma, como metodólogo, ao imperador romano Marco Aurélio (sec. II d.C.), quem inspirado no escravo-filósofo Epicteto, argumentava questões tão interessantes para nós como esta : "*cancelar a representação (...) um passo necessário para alcançar uma percepção exata das coisas...*". "*Para ver coisas devemos, primeiramente, olhá-las como se não tivessem nenhum sentido: como se fossem uma adivinha*". Entre seus exercícios recupera, também, o fadre franciscano Antônio de Guevarra (pregador da corte de Carlos V), na sua obra *O livro áureo de Marco Aurélio*, que é uma amostra metodológica de *distanciamento* destinado a exercer uma crítica aprofundada do poder [Carlo Ginzburg, *Olhos de madeira/ nove reflexões sobre a distância*, p.15-41.

[3] A nossa compreensão da dimensão epistêmica e da epistemologia não está restrita à caracterização, especialmente nas comunidades saxônicas, como *teoria do conhecimento*. Concebemos a epistemologia, numa perspectiva latina, como pensamento e prática: reflexivos/analíticos/críticos/ heurísticos/hermenêuticos/ dialéticos a respeito das fundamentações teórico-metodológicas; da formulação de projetos de pesquisa; da estruturação de condições de produção de saberes; das culturas profissionais, intelectuais e técnicas e da configuração de *ethos* (ético-vital) para gerar conhecimento.

[4] Os trabalhos pioneiros de Maria Immacolata Lopes, no campo da comunicação, no Brasil, têm sido um marco suscitador das pesquisas, debates, reformulações e perspectivas sobre um fazer metodológico responsável com as fundamentações epistemológicas. Sua pesquisa sobre as teses e dissertações da ECA/USP nos anos 1970-1980 é um modelo de referência metodológica; constatamos nele uma articulação forte dos níveis teórico e empírico. Suas pesquisas sobre recepção de telenovela desenvolveram a necessidade da *multimetodologia* na construção de pesquisas comunicacionais.

[5] Rudolf Haller, *Wittgenstein e a filosofia austríaca: questões*, p.28.

[6] Newton da Costa, *Lógica indutiva e probabilidade*, p. 13: "*No entanto, especialmente neste século [refere-se ao sec. XX], surgiram novas lógicas, como, v.g., as lógicas intuicionista, polivalente e paraconsistente. Em síntese, já possuímos sistemas de categorias e lógicas neles fundados que diferem da postura clássica. Tais lógicas chamam-se heterodoxas ou não-clássicas.*

Acreditamos que o nascimento e a proliferação das lógicas heterodoxas constitui uma das maiores revoluções de nosso tempo. Talvez ela seja semelhante à revolução provocada pelo surgimento das geometrias não-euclidianas. Entre outras coisas, as novas lógicas mostraram que logicidade e racionalidade não se identificam; nas sistematizações racionais, podemos utilizar lógicas distintas da clássica ou ortodoxa, caso isso nos seja conveniente. As concepções tradicionais da razão se evidenciaram impotentes para dar conta do novo estado de coisas."

[7] É interessante lembrar de alargamentos conceptuais como o de Merleau Ponty, retomados por Armand Mattelart: "*(...) será necessário esperar, entretanto, esperar o pós guerra para assistir à penetração da corrente fenomenológica, principalmente na França, com Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), e para vê-la suscitar novos paradigmas nas ciências sociais e as ciências cognitivas na busca de uma "ultrapassagem da modernidade". Primeiro, de maneira quase clandestina, até os anos setenta, para, a seguir, impor-se como referência incontornável na reflexão pluridisciplinar sobre o elo entre o lugar (entendido em um sentido mais largo que o físico) e o planeta, o micro e o macro, a relação de pertinência (enraizamento)/ liberdade."* [*História da utopia planetária/da cidade profética à sociedade global*, p. 281.]

[8] Seguindo a Wittgenstein diríamos <<**La autenticidad de la expresión no puede demostrarse; hay que sentirla.**>> (Ludwig Wittgenstein. *Investigaciones Filosóficas*, p. 519.

[9] Muniz Sodré, "*Eticidad y campo comunicacional sobre la construcción del objeto*" in Maria Immacolata Lopes y Raúl Fuentes (comps). *Comunicación campo y objeto de estudio/Perspectivas reflexivas latinoamericanas*, p. 149-160:

"Forma social (para la sociología del linaje de Georg Simmel) o forma de vida (Wittgenstein) pueden equivaler a la noción de ethos. Y no hay ethos sin un ambiente cognitivo que lo dinamice, sin una unidad

dinâmica de identificaciones de grupo, que es su modo de relación con la singularidad propia, esto es, la cultura; ahí actúan las formas simbólicas que históricamente orientan el conocimiento, la sensibilidad y las acciones de los individuos." [p. 154]

[10] Armand Mattelart, *História da sociedade da informação*, p. 81-174.

[11] Armand Mattelart, *História da utopia planetária: da cidade profética à sociedade global*, p. 47-217.

[12] Milton Santos desenvolve articulações teórico-metodológicas muito interessantes sobre esta problemática, é singularmente instigante o livro *Técnica, espaço, tempo/globalização e meio técnico-científico informacional*. A informatização do mundo é apresentada como processo sistêmico crucial para a hegemonização do *capital* na contemporaneidade.

[13] Antonio Pasquali apontava o caráter elitista da Internet até o ano 1998, denunciando a hegemonia do inglês e das mensagens comerciais no seu interior [*Bienvenido Global Village*, p.285-304]. É interessante constatar como, só entre agosto de 2000 e agosto de 2001, o inglês caiu de 60% para 52% na sua presença na *web*; observando-se, ao mesmo tempo, o crescimento das línguas romances (espanhol, português, italiano, romeno, francês) que alcançaram aproximadamente 17% de presença na rede [cnn.espanol.com/2001/tec/10/18/idiomasinternet.reut/index.html], no mesmo período. Os preços ainda, em 2002, continuam altos para os padrões latino-americanos, mas a tendência é a queda permitindo um acesso cada vez maior de internautas; calcula-se em 36 milhões de usuários para março de 2002 (Cnn TV em espanol: *Panorama Mundial*, 13/3/2002); Brasil tem 13 milhões de internautas e apresenta uma tendência de crescimento forte, o mercado está longe da saturação se consideramos só os 40 milhões de brasileiros das classes sociais "A" e "B", de acordo com o padrão brasileiro de consumidores de mídias: "A marca histórica aponta um **crescimento de 48,6%** sobre o mesmo período do **ano passado**, e de 2,75% em relação a janeiro deste ano. Com isso, o Brasil se firma como um dos oito maiores mercados mundiais de internet, atrás apenas do Canadá, EUA, Japão, Coréia do Sul, Alemanha, Itália e Reino Unido", diz Alexandre Magalhães, analista de internet do Ibope e Ratings.com. Dos 13,081 milhões de pessoas com acesso residencial à web, **mais de 50,45%** dos usuários (6,6 milhões) **efetivamente navegaram**, o que representa um aumento de 32,86% em relação a fevereiro de 2001, e 4,66% maior que janeiro de 2002." [ciaboaoticia.com.br/13/3/2002]

[14] Eliseo Verón, "Mediatización de lo político/Estrategias, actores y construcción de los colectivos", in Gilles Gauthier, André Gosselin y Jean Mouchon (comps.) *Comunicación y política*, p.220-236. Eliseo Verón, "Esquema para el análisis de la mediatización", *rev. Diálogos de la Comunicación*, 48, 1997, p. 9-17. Eliseo Verón, "La mediatización", in E. Verón *Semiosis de lo ideológico y del poder/La mediatización* (Cursos y conferencias, segunda época) p. 41-132. Jesús Martín Barbero, *Procesos de comunicación y matrices de cultura/ itinerario para salir de la razón dualista*, p. 17-80 e 151-211. João Pissara Esteves, "A formação dos campos sociais e a estrutura da sociedade moderna", in J. Esteves *A ética da comunicação e os media modernos/Legitimidade e poder nas sociedades complexas*, p. 111-243.

[15] João Pissara Esteves, idem, ibidem.

[16] Martín Becerra, "La vía europea hacia la Sociedad de la Información", revista **Intercom**, Vol. XII, n 1, 1999, p. 35-56.

[17] Metade das **6.800** línguas no mundo está em perigo de extinção (www.cnn.com.br/20;6;2001/Unesco)

[18] Sobre esta problemática é importante apontar nossa postura crítica às retóricas autistas, apocalípticas, apolegéticas e pragmáticas que com figuras literárias como "*capitalismo sem atrito*" {Bill Gates. *A estrada do futuro*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 199-230}; ou "*uma era de otimismo*" [Nicholas Negroponte. *A vida digital*, São Paulo, Companhia das Letras, p. 157-219]; ou os enunciados sobre o *fim de tudo: história, ideologia, classes, modernidade, indústria* tentam esconder a continuidade de um projeto que responde, na essência, à velha lógica vigente desde a época dos Medici. O capitalismo e a modernidade continuam regendo hegemonicamente as principais estratégias de existência humana. A pesquisa sobre as formulações e experiências *pós-industriais, pós-modernas*, da

sociedade da informação, da globalização e da mundialização confirmam essa condição [David Harvey. *A condição pós-moderna*(...), São Paulo, Loyola, 1992, p. 115-184 e p. 291-326; Fredric Jameson, *Pós-modernismo a lógica cultural do capitalismo tardio*, São Paulo, Ática, 1996, p. 27-79 e 268-284; Ladislau Dowbor, Octavio Ianni e Paulo-Edgar Resende (org), *Desafios da globalização*, Petrópolis/RJ, Vozes, 1997, p. 9-27/ 43-49/ 74-94/ 191-198/ 237-247.]; John B. Thompson, *A mídia e a modernidade/Uma teoria social da mídia*, 2a. Ed., Petrópolis/RJ, Vozes, 1998, p. 135-180.

[19] A cobertura da realidade do Afeganistão por Ana Paula Padrão em 2002, mediante uma reportagem em campo fazendo um levantamento sociocultural interessante da realidade desse país, mostra como um profissional pode realizar construções expressivas, apesar dos condicionamentos de pasteurização industriais. A mesma jornalista como âncora do *Jornal da Globo*, durante a campanha estadunidense no mesmo país em 2001, no passou de uma mera divulgadora das versões do Pentágono.

Foi singularmente representativa a entrevista de Jorge Gestoso com o jornalista Gómez Pablos, repórter da CNN no Afeganistão na primeira fase da guerra, ao seu retorno da missão, no programa *Panorama Mundial*; o diálogo foi esclarecedor sobre os fortes obstáculos impostos para a obtenção de informações, a respeito dos eventos reais da guerra, pelo militarismo estadunidense. De acordo com as suas experiências, saber o que realmente acontecia, na sua condição de jornalista de uma cadeia estadunidense, com uma das melhores condições para realizar a cobertura, era um enigma.

É ilustrativo, também, o caso de Carolina Cayazzo chefe do escritório da CNN em Argentina, na cobertura da crise desse país que começou entre 19 e 20 de dezembro de 2001. Analisando o comportamento dessa jornalista, constatamos o como foram surgindo e alcançaram importância no seu discurso questões ético-político-econômicas fortes, como têm sido as tomadas de supermercados; os ataques a bancos; as manifestações e mobilização política. Normalmente enunciadas como desaforos extremistas, foram construídas inserindo aspectos importantes dos fatores geradores das ações e sobre as opções das pessoas face à conjuntura histórica. Constatamos, desse modo, o desgaste do discurso fácil maniqueísta sobre subversão, extremismo e delinquência em casos paradigmáticos; a força histórica tem condicionado significativamente os jogos retóricos das grandes mídias (Caso Collor, Brasil, 1992; caso Fujimori/Montesinos, Perú 2000/2001). A seleção dessas imagens e seqüências, por outro lado, falam de uma aceitação por parte das empresas desse tipo de discurso; este é um fato extremamente interessante para a pesquisa comunicacional, porque situa a existência do conflito ao interior dos sistemas midiáticos. Num sentido inverso, de coberturas clássicas maniqueístas, poderíamos apontar, neste momento, as abordagens sobre as realidades venezuelana, colombiana, mexicana, cubana, equatoriana e brasileira que respondem a lógicas dicotômicas simples e superficiais.

[20] É esclarecedora sobre o processo histórico de construção de hegemonia da rede Globo, a pesquisa coordenada por Silvia Borelli e Gabriel Priolli que resultou no livro **A deusa ferida: por que a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência**.

[21] Isso não significa que a TV brasileira não tenha produzido humor de qualidade, "*Brava gente brasileira*", "*Os normais*", "*TV pirata*", "*Casseta e Planeta*" são amostras, em vários momentos de suas produções, de que é possível fazer humor vital (evitando o intelectualismo e a banalização) no sentido de Mikhail Bakhtin [*A cultura popular na Idade Média e no Renascimento/O contexto de François Rabelais*, São Paulo/Brasília, Hucitec/Ed.Unb, 1987].

[22] Lembremos a Martín-Barbero, desbravador metodológico crucial nesse sentido: "*Nos últimos anos, a travessia pela crise das ciências sociais parecia apontar para as razões do desencontro entre método e situação. Um desencontro que nos obriga a repensar não só as fronteiras entre as disciplinas e entre as práticas, mas também o próprio sentido das perguntas: os lugares (teóricos) de entrada para os problemas e para a trama de ambigüidades (políticas) que envolvem e deslocam as saídas. As razões do desencontro situam-se além da teoria, no des-cohecimento que requer –em vez de mais conhecimento, na lógica pura da acumulação– o re-conhecimento, segundo a lógica da diferença, de verdades culturais e sujeitos sociais. Reconhecimento que na América Latina não remete a algo que passou, e sim aquilo mesmo que nos constitui, que não é só um fato social, e sim razão de ser, tecido de temporalidades e espaços, memórias e imaginários que até agora só a literatura soube exprimir.*" [J. Martín Barbero, **Dos meios às mediações**(...), p. 259.

Referências bibliográficas

- BECERRA, Martín (1999). *"La vía europea hacia la Sociedad de la Información"*, in revista INTERCOM, Vol. XXII, n. 1, jan./jun.
- BORELLI, Silvia; PRIOLLI, Gabriel (coords.) (2000). *A deusa ferida: por que a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência*, São Paulo: Summus.
- COSTA, Newton da (1993). *Lógica indutiva e probabilidade*, São Paulo, Hucitec/Edusp.
- ESTEVES, João (1998) *A ética da comunicação e os media modernos/Legitimidade e poder nas sociedades complexas*, Lisboa: Gulbenkian.
- FABRI, Paolo (2000). *El giro semiótico*, Barcelona: Gedisa.
- GAUTHIER, Gilles, GOSSELIN, André ; MOUCHON, Jean (comps.) (1998) *Comunicación y política*, Barcelona: Gedisa.
- GINZBURG, Carlo (2001). *Olhos de madeira/ nove reflexões sobre a distância*, São Paulo: Companhia das Letras.
- HALLER, Rudolf (1990). *Wittgenstein e a filosofia austríaca: questões*, São Paulo: Edusp.
- IANNI, Octavio...[et al.](Orgs.) (2000). *Desafios da comunicação*, Petrópolis/RJ: Vozes.
- (1997). *Desafios da globalização*, Petrópolis/RJ: Vozes.
- LOPES, Maria Immacolata de (1999). *A recepção de telenovela no Brasil, uma exploração metodológica*, (Relatório de pesquisa) São Paulo: ECA/USP.
- (1990). *Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico*, São Paulo: Loyola.
- LOPES, Maria Immacolata; FUENTES, Raúl (comps) (2001). *Comunicación campo y objeto de estudio/Perspectivas reflexivas latinoamericanas*, ITESO-Unv. de Colima-Unv. de Aguas Calientes, Unv. de Guadalajara.
- MALDONADO, Alberto Efendy (2001). *Teorias da comunicação na América Latina/Enfoques, encontros e apropriações da obra de Verón*, São Leopoldo/RS: Ed. Unisinos.
- (2001). *"Reflexiones sobre la investigación teórica en comunicación en América Latina"*, in Immacolata Lopes; Raúl Fuentes (comps.). *Comunicación campo y objeto de estudio(...)*, p. 105-126.

- (1999). *Pesquisa teórica em comunicação na América Latina/ Estudo de três casos relevantes: Verón, Mattelart e Martín Barbero*, ECA/USP (Tese de Doutorado).
- (1999). "Da semiótica à teoria das mediações", in **Comunicação, cultura e mediações**, São Bernardo do Campo/SP: UMESP.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús (1999). *Los ejercicios del ver/Hegemonia audiovisual y ficción televisiva*. Barcelona: Gedisa.
- (1997). *Dos meios às mediações/Comunicação, cultura, hegemonia*, Rio de Janeiro, Ed. UFRJ.
- (1988), *Procesos de comunicación y matrices de cultura/ itinerario para salir de la razón dualista*. México: Gustavo Gili.
- MARX, Karl (1977). *Contribuição para a Crítica da Economia Política*, Lisboa: Ed. Estampa.
- MATTELART, Armand (2002). *História da utopia planetária/da cidade profética à sociedade global*, Porto Alegre, Sulina, 2002.
- (2002). *História da sociedade da informação*. São Paulo: Loyola.
- PASQUALI, Antonio (1998). *Bienvenido Global Village*, Caracas: Monte Ávila Editores.
- SANTOS, Milton (1994). *Técnica, espaço, tempo/globalização e meio técnico-científico informacional*, São Paulo, Hucitec.
- VERÓN, Eliseo (1997). *Semiosis de lo ideológico y del poder/La mediatización*, Buenos Aires: CBC/UBA.
- WITTGENSTEIN, Ludwig (1988). *Investigaciones Filosóficas*, México-Barcelona: Instituto de Investigaciones Filosóficas UNAM-Editorial Crítica.